

A INFLUÊNCIA DAS BRINCADEIRAS NO COTIDIANO DAS CRIANÇAS SAPEENSES NOS ANOS 50 E 60¹

Edineide Dias de Aquino
Gilvanete Fernandes de Oliveira²
Edna Maria Nóbrega Araújo (orientadora)

“Oh! Que saudades que tenho
Da aurora da minha vida
Da minha infância querida
Que os anos não trazem mais!
Que amor, que sonhos, que flores,
Naquelas tardes fagueiras
À sombra das bananeiras
Debaixo dos laranjais!”(Cassimiro de Abreu).

BRINCANDO EM SAPÉ

Até meados do século XX, a infância na pequena cidade de Sapé se reduzia a brincar, a estudar e a ajudar o pai ou a mãe dependendo do sexo da criança.

Para os momentos de lazer a garotada contava com os imensos quintais ou na frente de suas casas. Outro espaço de lazer era o pátio da escola, onde se reuniam para partilharem alguns minutos de diversão, criar algumas brincadeiras ou inventar regras novas para as que já existiam, ou seja, em diferentes lugares e ao longo do tempo as crianças sempre brincaram. Conforme afirma Dione Valdez (2003:35).

Durante a infância, sempre se brincou. As brincadeiras inserem-se em uma dinâmica que não as deixa estáticas. Elas permanecem ao longo do tempo, transformam-se, incorporam-se e adaptam-se aos lugares e às novas gerações.

Dentre as brincadeiras, as mais comuns eram o passa-anel, esconde-esconde, o grilo, o toca (hoje chamado de pega-pega), pula corda e estátua.

Essas brincadeiras eram realizadas nas ruas sem calçamento, devido que as crianças precisavam de grande espaço para correr ou esconderem-se de seus coleguinhas. Existiam poucas brincadeiras como: o grilo, o toca e estátua, que reuniam meninas e meninos para desfrutarem o prazer de brincarem juntos. Também tinha brincadeiras que não exigiam tanto espaço como a academia (chamada atualmente de amarelinha), onde as meninas riscavam no chão e iam pulando até chegarem novamente no ponto inicial que era o céu.

Em Sapé havia uma distinção nas brincadeiras infantis, ou seja, uma separação entre brincadeiras de meninos e de meninas.

¹ Trabalho apresentado no Simpósio Temático “Cultura Histórica e Linguagens Historiográficas”, durante o XII Encontro Estadual de História da ANPUH-PB, realizado no Campus da Universidade Federal de Campina Grande, em Cajazeiras (PB), entre 23 e 28 de julho de 2006.

² E-mail: rosaazul9@yahoo.com.br

As brincadeiras tidas como típicas das meninas, tinham sempre uma idealização para que elas futuramente exercessem o papel de dona de casa e de mãe. As meninas na faixa etária de sete a nove anos iam sendo gradativamente ensinadas a cuidar da casa e dos irmãos mais novos. Como relata a senhora IN Oliveira (2005:02).

Eu quando tinha nove anos já sabia fazer tudo dentro de casa, porque minha mãe me ensinava e era bonito uma mulher saber cuidar da própria casa.

Segundo os depoimentos, as garotinhas geralmente brincavam com suas irmãs e uma vez por outra com coleguinhas que moravam na vizinhança, pois, o pai não permitia que suas filhas ficassem muito tempo fora de casa, porque para ser uma boa mulher era necessário que ela permanecesse dentro de casa. Conforme relembra a senhora IN Oliveira (2005:02).

Tínhamos que brincar dentro de casa meu pai não deixava que eu e minha irmã brincássemos fora de casa, quando ele chegava e não encontrava agente dentro de casa ele ia atrás da gente com um cipózinho e fazia com que fôssemos correndo para casa.

O pai era uma figura forte, rígida, que exigia respeito de todos que compunham a casa. A casa era formada pelo pai, a mãe e geralmente por seis, sete filhos. A criança tinha um enorme temor diante do pai, a mãe era o símbolo da ternura e da compreensão e assim as crianças conseguiam mais facilmente o que desejavam.

Era comum que os irmãos fizessem companhia um para os outros, desde o momento de dormir até nas brincadeiras, levando em consideração o sexo da criança.

De acordo com a senhora Oliveira, as meninas brincavam de casinha e as bonecas serviam para representar os filhinhos, os maridos e todas as pessoas que a sua mente pudesse imaginar, as bonecas sentiam, falavam e compartilhavam com as meninas seus momentos de sonhos.

No brincar, a relação entre a criança e a boneca é uma relação de amor, de paixão. A boneca na brincadeira cria vida e assim torna-se um ser único naquele momento.(Silva, 1989:75).

Por isso as bonecas eram brinquedos que não podiam faltar a uma menina. Para as meninas ricas as bonecas eram de louça, com olhos azuis e cabelos dourados, para as meninas pobres a mãe fazia bonecas de pano ou de sabugo de milho, ou seja, brincar,

É um mundo de fantasia e a criança mergulha nele, atraída pela beleza, pelos mecanismos, pelo insólito. Mas não deixa de ser criança e, sempre, quando não tem brinquedo, ela há de cria-lo, nem que seja só na sua imaginação.

Os imensos quintais das casas sapeenses, eram ideais para as meninas colocarem em prática suas fantasias, com brincadeiras que faziam alusões ao casamento e a maternidade como brincar de casinha e não Por meio dos jogos, a criança manifesta suas emoções. Estabelece ligações sociais, descobre sua capacidade de escolher, decidir e participar. Faz a bola de meia, os tacos para jogar “casinha”, escolhe os botões para o futebol, coleciona figurinhas para o “abafa”. Constrói o carrinho de rolimã, o cavalo de pau, a boneca de pano.

(Priore, 1999: 254) podia faltar o cozinhadinho, como recorda a Senhora Maria Bernadete Fernandes Dias (2005, 05) “eram dois tijolos crus colocados um a frente do outro e no meio era acesso um fogaréu para colocar as panelas acesso um fogaréu para colocar as panelas de barro com comidas” para serem degustados no almoço; isto servia para elas aprenderem ou aprimorar seus dotes culinários.

As brincadeiras de roda também faziam parte do universo infantil feminino. Diferente da casinha de boneca, onde a menina muitas vezes brincava sozinha, as brincadeiras de roda exigiam um número maior de participantes, por isso era uma brincadeira apropriada para a escola, ou para momentos que reunia a garotada, como as missas, os terços, festas de batizados, etc.

Dentre as cantigas de roda a mais cantada pelas meninas era ciranda cirandinha, elas formavam uma roda, de mãos dadas e giravam cantando:

Ciranda, cirandinha
 vamos todo cirandar
 vamos da meia-volta
 volta meia
 vamos dar
 O anel que tu me deste
 era de vidro e quebrou
 O amor que tu me tinhas
 era pouco e se acabou.

Outra cantiga de roda que divertia e encantava as meninas, lembrada por dona Oliveira era:

Atirei o pau no gato, to
 mas o gato, to
 não morreu, réu, réu
 Dona Chica, ca
 Admiro-se, se
 Do berro
 Do berro
 Que o gato deu
 miau.

Hoje já não se ensina está cantiga, que menciona que deve bater nos animais. Está cantiga foi reformulada com a finalidade de ensinar as crianças a protegerem os animais.

A foto a seguir, mostra meninas brincando de Roda de Fita, e todas vestidas iguais, esta brincadeira é realizada principalmente no pátio da escola, ou em lugares com muito espaço, que era para as fitas ficarem bem esticadas e separadas.



Foto 1: Arquivo particular da Sra. Maria Ducarmo Souza de Oliveira 1953.

O passarai também é típico nas brincadeiras femininas, duas meninas davam as mãos, enquanto as outras faziam uma fila para passar sob as que estavam de mãos dadas, quando terminava as cantigas, uma era escolhida para ficar no lugar da que estava de mãos dadas, e todos cantavam:

Passarai, Passarai
 Deixa eu passar
 Carregada de filhinhos
 Para eu cuidar
 licença meu bom baixinho
 Eu tenho muitos filhinhos
 Não posso mais demora
 Passa-me-cê pela porta de atrás
 Se não for o da frente
 pode ser por o de atrás
 Trás, trás.

Esta cantiga trata o papel maternal que a menina tinha que exercer, ou seja, aponta a menina mãe cheia de filhos para cuidar porque o papel da mulher estava atrelada á esfera doméstica, cuidando apenas do lar, dos filhos e do marido.

Ao colocar no seu cotidiano músicas como esta, reforça a imagem que se tinha sobre o papel da mulher na sociedade. Logo, quando a menina tornava-se mulher nada mais natural que ter filhinhos para cuidar.

Outra brincadeira que divertia a garotada sapeense segundo a senhora IN Oliveira (2005: 02), era o pobre e o rico.

A brincadeira consistia na escolha de uma “menina para ser a mulher rica, outra para ser a mãe pobre e o restante das meninas eram os filhinhos da pobre.”

Ocorria um diálogo cantarolado entre a menina (mulher rica) e a menina (mãe pobre e cheia de filhos), cada criança ficava em um ponto anteriormente demarcado, que na imaginação da garotada era considerado a casa. A mulher rica ia aonde estava a mãe pobre e cantarolava.

Eu sou rica, rica, rica, rica
De mavé, mavée
Eu sou rica, rica, rica
Do amor ge pê

A mulher rica voltava para seu lugar e a mãe pobre segurando a mão dos seus filhinhos ia até a mulher rica e dizia:

Eu sou pobre, pobre, pobre
De mavé, mavé, mavé,
Eu sou pobre, pobre, pobre
Do amor ge pê

A mãe com os filhinhos voltava e a mulher rica ia novamente na “casa” da mãe pobre e falava:

Quero uma de vossas filhas
De mavé, mavé, mavé
Quero uma de vossa filhas
Do amor ge pê.

A mulher rica voltava, e a mãe com os filhinhos ia até a mulher rica e dizia:

Escolhei a que quiseres
De mavé, mavé, mavé
Escolhei a que quiseres
Do amor de ge pê.

Novamente a mulher rica ia até a mãe dos filhinhos, cantarolava e voltava para seu lugar (casa):

Quero a menina (dizia o nome da menina)
De mavé, mavé, mavé
Quero a menina
Do amor ge, pê.

A mãe com os filhinhos ia até a mulher rica perguntava e depois voltava para a sua “casinha”.

Que ofício dais a ela
De mavé, mavé, mavé
Que ofício dais a ela
Do amor ge, pê.

A mulher rica ia até a “casa” da mãe pobre, respondia e voltava para a sua “casinha”.

Dou ofício de (dizia uma profissão)
De mavé, mavé, mavé
Dou ofício de (dizia uma profissão)
Do amor ge pê.

A mãe pobre ia até a mulher rica e dizia:

Ela diz que se agrada
Do amor ge, pê.

A menina passava para as mãos da mulher rica. Repetia este dialogo cantarolado até que todas as meninas ficassem com a mulher rica.

Ao final as duas garotinhas (mulheres), juntamente com elas “filhinhos” cantavam alegremente.

Vamos fazer a festa juntas
De mavé, mavé, mavé
Vamos fazer a festa juntas
Do amor ge pê.

As cantigas de roda também fortaleciam as diferenças sociais e colocava a mulher pobre como uma mãe com muitos filhinhos, que por não ter condições de dá “um ofício” a cada filho, dava todos a mulher rica e depois comemoravam juntos as novas condições de vida que as meninas pobres teriam. Isso incentivava uma prática muito comum no Brasil que era da mulher pobre dá seus filhos para as ricas criarem.

Diferente das meninas, o garoto brincava com o cavalo de pau, frequentemente fabricado por um adulto visto que tinha que esculpir na madeira o rosto de um cavalo, o qual ficava em uma das extremidades, o corpo era formado por um pedaço de madeira ou por um cabo de vassoura. Os meninos saiam pelas ruas apostando quem chegaria primeiro a um determinado local ou a uma rua, cada qual montando em seu cavalo de pau imaginando que estavam cavalgando pelo mundo a fora sendo verdadeiros cowboys.

De acordo com a Givanildo Sousa de Oliveira os meninos também brincavam com as tradicionais bolinhas de gude, cuja regra é fazer com que uma bola bata na outra e o ultimo é privilegiado que grita gude, e ganha as bolinhas de gude do seu adversários.

A infância e a brincadeira encontram-se associadas desde remotos épocas e nem sempre foi um privilégio só dos pequenos, pois os adultos inseriam-se nelas tanto quanto a criançada. A adaptação de brincadeiras e jogos milenares, sejam eles de casa, da rua ou dos quintais, aparece em diferentes lugares sob formas contextualizadas ou simplesmente copiadas. É o caso do pião, manipulado por longínquos povos da Antiguidades e que até hoje permanece em sua forma e jeito seduzindo crianças e adultos de diferentes níveis sociais e culturais (VALDEZ, 2003: 52).

A criança está intimamente ligada as brincadeiras, isto não é de hoje, já é de muito tempo atrás e as brincadeiras, não só englobam as criançadas, mas chega a atingir alguns adultos. Algumas brincadeiras, muitas vezes, são reproduzidas ou simplesmente reinventadas sendo transmitidas através das diferentes gerações.

Enquanto a menina era educada para cuidar da casa, ser mãe e esposa, o menino era formado para ser homem, para ser o provedor, o lado forte, assim o mundo do menino era a

rua com todo o seu encanto, liberdade e descoberta de assuntos que as meninas não podiam nem sonhar como o sexo.

Nas ruas os meninos faziam com que os fantásticos piões rodassem sem parar, enquanto eles torciam para que os piões de seus enquanto eles torciam para que os piões de seus coleginhas caíssem, era uma verdadeira euforia. Como podemos ver na imagem a seguir:



FOTO 2: Criança brincando de pião. Imagem de Mary Del Priore. 1999.

Segundo o senhor Givanildo Sousa de Oliveira (2005:16) a pipa divertia muitos garotinhos, era uma diversão fazer com que a pipa subisse e chegasse lá no céu, quem fazia isso era realmente um menino esperto, “fazíamos as pipas e havia sempre uma competição para ver qual pipa era a mais bonita”. [Já] “os carros eram feitos de madeira pelo meu pai, tinha um cordão para eu puxar, rodinhas de madeira e a caçamba, colocava pedra e areia para carregar de um lugar para o outro”.

Esses carrinhos eram bastante diversificados e todos os garotos possuíam, independentemente da classe social, visto a facilidade de fazer e de encontrar a matéria-prima (madeira).

Segundo os depoimentos brinquedos industrializados como a bicicleta eram restritos para as crianças de classe alta, que passeavam, pelas ruas montadas em suas monaretas, seguidas

não só pelo olhar de seu acompanhante, mas também pelo olhar das crianças mais humildes.



FOTO 3: Criança brincando de bicicleta. Arquivo Particular da Senhora Maria de Lourdes Fernandes Dias. 1953.

A partir dos depoimentos podemos observar que em meados do século XX as crianças em Sapé, sozinhas ou em grupos, com os irmãos, os vizinhos, ou colegas da escola ocupavam as ruas muitas delas ainda sem, calçamento e através de diferentes brincadeiras penetravam num mundo de fantasia.

As brincadeiras infantis aguçam a imaginação e a criatividade das crianças fazendo com que elas constituem o seu modo de ser, agir e sentir, contribuindo para uma maior interação com o mundo que as cerca. “Os jogos e as brincadeiras estimulam a criatividade ao mesmo tempo que contribuía para a formação do caráter integral da criança” (PRIORE; 2001:243). Ao que se sabe durante a infância sempre se brincou. Na antiga Grécia, no antigo Egito, em Roma, etc. o ato de brincar já fazia parte do universo da criança. As brincadeiras permanecem, transformam-se e adaptam-se aos lugares e às novas gerações.

Mas nem só as brincadeiras divertiam a criançada, as histórias prendiam a atenção, como recorda a senhora Maria de Lourdes Fernandes Dias (2005:20): “As historinhas de trancoso eram contadas pelos mais velhos, algumas assustavam, outras divertiam”.

Do acordo com há senhora Dias tanto o bicho-papão, o papa-figo e a comadre florzinha assustavam a garotada. Quando a crianças não queria dormir chamavam-se o bicho-papão e quando a criança fazia alguma travessura dizia que à noite a comadre florzinha com seus longos cabelos vinha pegar a crianças.

Além da brincadeira e do jogo, as histórias tinham um papel fundamental na vida da criança, que gosta de ouvi-las, sobretudo aquelas com as quais se identifica. Algumas são contadas há séculos, como os contos de fada, e falam dos sentimentos essenciais do ser humano. Outras fazem parte da identidade cultural de um povo e por isso também permanecem. Cada vez que contamos estas histórias, reportamo-nos à história do homem e do passado que nos diz respeito. Narrada pelo pai, pela mãe, pelos tios, pelos avós, e também muitas vezes pela empregada, esses momentos em que caldas, as crianças ouviram histórias marcaram fortemente suas lembranças (SILVA, 1989:108).

As historinhas encantavam e algumas assustavam a garotada que tinha satisfação em sentar e escutar as fantásticas histórias, que geralmente são partes da cultura sapeense. As histórias de fadas e princesas sempre terminavam com um final feliz, isto agradava principalmente as meninas porque elas ficavam encantadas e almejavam encontrar o príncipe encantado ou desencantado porque nenhuma queria ficar no caritó.

A rua lugar das diferentes brincadeiras foi usurpada pelos vínculos, os brinquedos tornam-se cada vez mais sofisticados, a TV e o computador passaram a fazer parte do mundo infantil, nas escolas à brincadeira de roda perdeu espaço. A música agora é outra.

Outra cena um pequeno colégio de bairro. Hora do recreio. Nada mais bonito do que as Correm, jogam bola, divertem-se no gira-gira, pulam corda. Mas tudo isso é “quebrado” por uma música que, de imediato, não reconheço. Não é ciranda, nem A linda rosa juvenil! Outras meninas entre sete e oito anos se põem a dançar. Os corpinhos infantis e as perninhas magras vibram em contorcionismos. As cabecinhas viravolteiam, jogando os cabelos num pêndulo frenético. Os diminutos quadris sobem e descem buscando a “boquinha da garrafa”. A professora, entre conformada e cética, sorri. O recreio prossegue “tranquilo. (PRIORE; 2001:113)

As imagens descritas por Priore nos faz pensar que se necessário estarmos atentos em relação as brincadeiras infantis, pois se até meados do século XX, as brincadeiras reproduziam o modelo de mulher tida como ideal para a sociedade, onde se valorizava a maternidade, o cuidado com os filhos, com o marido e com o lar, atualmente as brincadeiras privilegiam modelos de meninas que supervalorizam o corpo e a sexualidade precoce “gerando paquitas, thans e outras aberrações. Quantas gatinhas não são fotografadas, fantasiadas à lá Carla Perez, à lá Xuxa, a boquinha borrada de batom e as mãos de resto de esmalte” (PRIORE, 2001:114).

Sob a influência da TV, de atores, atrizes, revistas e discos, são criados modelos tidos como ideais para crianças, que cada vez mais se aproxima do mundo dos adultos, pois a criança passa a imitar sua atriz predileta, muitas vezes sobre a convivência dos pais ou da professora que com risos e palmas acompanham as meninas que rebolam dançando a “dança da boquinha da garrafa”.

Quando silenciamos ou aplaudimos não estamos contribuindo com a reprodução desse “modelo” para as meninas? Assim quando ensinávamos as pequenas brincarem de casinha, fazendo cozinhadors e cuidando das bonecas/filhinhos reproduzimos o modelo de mulher-mãe/esposa/dona de casa?

Enfim, do passado aos nossos dias muitas coisas mudaram na vida das crianças brasileiras. Outros, nem tanto. Mas só conhecendo e compreendendo as distorções a que foram submetidas teremos condições de transformarmos por intermédio delas (PRIORE, 2001:112).

Ou seja, ontem ou hoje somos responsáveis pela “construção da subjetividade de nossas meninas” (PRIORE, 2001:47)

Bibliografia

- ALTMNA, Raquel Zumbano. **“Brincando na História”** IN: História das crianças no Brasil, Mary Del Priore (Org) São Paulo: Contexto, 1999.
- ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro: LTC, 1981.
- DAMÁZIO, Reynaldo Luiz. **O que é criança**. 3ª edição – São Paulo: Brasiliense, 1994. (coleção primeiros passos, 204).
- FREYRE, Gilberto. **Sobrados e Mucambos: Decadência do Patriarcado Rural e Desenvolvimento Urbano**. 5ª edição – Rio de Janeiro: J. Olympio, Brasília, INL, 1977.
- FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande e Senzala**. Rio de Janeiro: Record, 1996.
- FREITAS, Marcos Cezar de, Kuhlmann Júnior, Moysés Orgs. **Os Intelectuais da História da Infância**. São Paulo: Cortez, 2002.
- LAJOLO, Marisa. **“Infância de Papel e Tinta”**. IN: Freitas Marcos Cezar de. (Org) História Social da Infância do Brasil. 3ª ed. São Paulo: Cortez.
- PRIORE, Mary Del. **Histórias do Cotidiano**. São Paulo: Cortez, 2001.
- PRIORE, Mary Del. **História das Crianças no Brasil**. Org. São Paulo: Contexto, 1999.
- SANTOS, Selma Ferro dos. **Espaços e Imagens na Escola/Nilda Alves, Paulo Sgarbi (Orgs)** Rio de Janeiro: DPEA, 2001.
- SILVA, Maria Alice Setúbal et al. **Memória de Brincar: Na Cidade de São Paulo nas Primeiras Décadas do Século XX**. São Paulo: Cortez, 1989.
- VALDEZ, Diane. **História da Infância em Goiás: Século XVIII, XIX**. Goiânia: Alternativa, 2003.